

ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

Uma leitura de Patos de Minas através de seus lugares e suas lendas

BETWEEN REALITY AND IMAGINATION
A look at Patos de Minas through its places and legends

Ana Luísa Gonçalves Silva¹ e Adriano Tomitão Canas²

Resumo

O presente artigo tem por base a investigação de mestrado "Entre o real e o imaginário: uma leitura de Patos de Minas através dos seus lugares e suas lendas", e apresenta uma síntese da pesquisa desenvolvida sobre a cidade de Patos de Minas, com foco na interseção entre a dimensão concreta e o imaginário. A investigação analisa as transformações do território a partir das lendas presentes nas narrativas populares e na literatura local, explorando suas representações na memória e na cartografia afetiva. Por meio do caminhar e da cartografia sensível como métodos, buscou-se compreender as narrativas, os espaços e os afetos que configuram a identidade da cidade. Os resultados evidenciam que as lendas constituem camadas simbólicas que coexistem com a cidade material, enriquecendo a compreensão do território e fortalecendo o sentimento de pertencimento.

Palavras-chave: imaginário urbano; lendas, território; cartografia; Patos de Minas.

Abstract

This article is based on the master's thesis "Between the Real and the Imaginary: A Reading of Patos de Minas Through its Places and Legends," and presents a synthesis of the research developed on the city of Patos de Minas, focusing on the intersection between the concrete and the imaginary dimensions. The research analyzes the transformations of the territory based on the legends present in popular narratives and local literature, exploring their representations in memory and affective cartography. Through walking and sensitive cartography as methods, the aim was to understand the narratives, spaces, and affections that shape the city's identity. The results show that the legends constitute symbolic layers that coexist with the material city, enriching the understanding of the territory and strengthening the feeling of belonging.

Keywords: urban imagery; legends, territory; cartography; Patos de Minas.

1 Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Uberlândia (2025). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFU, 2025), na área de concentração Projeto, Espaço e Cultura, vinculada à linha de pesquisa Cidade e Patrimônio: Perspectivas e Prospec-tivas. Arquiteta e Urbanista pelo Centro Universitário de Patos de Minas (2021). E-mail: anahoncalves@ufu.br

2 Professor Associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia (FAUeD-UFU) e Docente do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquite-tura e Urbanismo (PPGAU-UFU). Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2010), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2005), Arquiteto e Urbanista (PUC-Campi-nas/1996). E-mail: adrcanas@ufu.br



Figura 1 - Imagem ilustrativa das Lagoas "Grande" e "Dos Patos" (1940), origem do nome de Patos de Minas. Fonte: Acervo do Museu da Cidade de Patos de Minas.

A cidade se encontra em constante metamorfose, onde o tangível e o intangível se entrelaçam, moldando as formas de viver e experienciar seus lugares. Mais do que um aglomerado de edificações e ruas, ela é um campo de experiências sensoriais, simbólicas e afetivas. Como aponta Lynch (1997), "a imagem da cidade é composta por elementos físicos e simbólicos que estruturam a percepção dos indivíduos"³. É no caminhar, no toque e na escuta atenta que a cidade revela suas camadas invisíveis, aquelas que não aparecem nos mapas tradicionais, mas que se manifestam na pele, na memória e no imaginário.

Em Patos de Minas, cidade situada na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, a cidade invisível pulsa através das lendas que atravessam gerações. Essas histórias, muitas vezes sussurradas em varandas ou registradas na literatura local, habitam becos, praças e encruzilhadas, compondo uma teia que convive com o espaço urbano visível. Explorar a cidade por meio desse patrimônio imaterial é escavar camadas de sentido que escapam à leitura objetiva do território. É compreender, como aponta Lefebvre (1991), que "o espaço não é apenas um suporte físico, mas uma construção social carregada de significados"⁴.

Este texto tem como base a dissertação *Entre o Real e o Imaginário: uma leitura de Patos de Minas através de seus lugares e suas lendas*⁵, que teve como objetivo analisar e compreender as transformações ocorridas no território de Patos de Minas a partir da leitura das lendas presentes no imaginário e na literatura local, entendendo de que maneira o espaço se transformou ao longo do tempo. O estudo adota a cartografia sensível e o caminhar como percurso metodológico. Caminhar torna-se, assim, um ato poético, uma forma de pensar com o corpo, de observar as transformações do território, de escutar o que vibra nas entrelinhas da cidade. Nas palavras de Michel de Certeau (1998), "as práticas cotidianas de deslocamento ressignificam os espaços, transformando a cidade em um texto vivo, lido e reescrito a cada experiência"⁶. O ato de caminhar revela mais do que se vê. Quando o corpo se desloca, ele entra em contato com outra camada da cidade, que escapa ao planejamento urbano e à lógica

3 LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 12.

4 LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. São Paulo: Edusp, 1991, pp. 26-27.

5 SILVA, Ana Luísa Gonçalves. *Entre o real e o imaginário: uma leitura de Patos de Minas através dos seus lugares e suas lendas*. 2024. 362 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Pesquisa desenvolvida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

6 CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.171.

Figura 2 - Vista aérea da primeira capela de Santo Antônio e resquícios da "Lagoa dos Patos". Fonte: Acervo do Museu da Cidade de Patos de Minas.



da produtividade. Trata-se de uma cidade invisível, que se manifesta nos detalhes, nos ruídos, nas texturas e nos afetos. Andar pelas ruas é, portanto, também um modo de pensar, de propor a crítica, de sentir, de lembrar e de imaginar.

É pela vivência direta que a cidade vai sendo interpretada. Ao nos lançarmos ao acaso, abrimos espaço para descobertas que desafiam a objetividade dos mapas e dos discursos oficiais. Cada trajeto traçado guarda possibilidades de encontros e narrativas que reconfiguram nosso olhar. João do Rio já nos alertava para o fato de que as ruas são muito mais do que infraestrutura. Em *A Alma Encantadora das Ruas* (1995), ele descreve os muitos tipos de rua demonstrando que o espaço urbano é também um espelho das emoções humanas. Assim como João do Rio via alma nas ruas, este estudo acredita que a cidade é feita de muitas camadas entrelaçadas. O espaço urbano não é neutro. Ele é moldado pelas experiências cotidianas, pelas trocas culturais e pelas memórias que vão sendo ali cultivadas.

Oh! sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue (Rio, 1975, p.07).

Assim como as ruas, as cidades são feitas de múltiplas almas. A rua, o bairro, o casarão, cada fragmento urbano são tecidos por histórias, tornando-se fascinante para aqueles que se dispõem a explorar a cidade. A aproximação com o espaço urbano, centrada na cartografia sensível como método, nos permite explorar o impacto emocional dos espaços e suas reverberações na vida cotidiana. Como afirma Lilian Amaral (2008), o mapeamento é uma "forma de apropriação e interpretação do território e esta apropriação pode ser física, mental ou sensorial. Mapeamento de um território que se faz por meio de uma experiência física ou sensorial"⁷.

Através de caminhadas exploratórias, registros gráficos, escutas e consultas a acervos históricos, construiu-se um mapeamento que transcende a geografia física, dando

7 AMARAL, Lilian. Interterritorialidades: passagens, cartografias e imaginários. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian. *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora Senac/Edições SESC SP, 2008, p.13.



Figura 3 - Pontos de referências não mais existentes utilizando fac-símile da planta da cidade de 1920 - Comissão Mineira do Centenário. Belo Horizonte - Década de 1920. Fonte: Acervo do Museu da Cidade de Patos de Minas.

visibilidade às atmosferas subjetivas que pairam sobre a cidade. Essas incursões revelaram que um simples trajeto pode carregar histórias ancestrais, assombrações, histórias de amores não vividos e pactos silenciosos que buscam se manter no imaginário coletivo. A cartografia sensível, portanto, não se limita a localizar; ela capta intensidades. A investigação também incluiu o estudo de fontes bibliográficas e documentais, como jornais, livros de memória, mapas e outros registros, que ajudaram a contextualizar as lendas dentro da história da cidade. Esses relatos foram confrontados com os testemunhos colhidos durante as caminhadas, produzindo uma leitura multifacetada do espaço urbano, onde o tempo se embaralha, onde o passado se ergue no presente e onde o lugar deixa de ser estático para tornar-se narrativo. Durante a investigação sobre as lendas existentes, foram selecionadas aquelas que se destacam pela força simbólica, pela presença em registros históricos, e pelo impacto que ainda causam na memória coletiva.

O trabalho se estrutura em três partes. Na primeira busca-se apresentar a cidade de Patos de Minas, desde sua formação histórica até as transformações territoriais ocorridas ao longo dos anos. Analisa os vestígios apagados e os elementos que persistem no imaginário urbano, por meio das lendas registradas na literatura local. No segundo momento, discute-se a cartografia em seus aspectos tradicionais e afetivos, a cartografia sensível como método, enfatizando a produção subjetiva dos mapas e a representação das experiências. Também, o caminhar como prática poética e investigativa. Por fim, apresentamos as lendas e buscamos dar forma e visibilidade as narrativas que habitam a cidade. A intenção foi construir cartografias sensíveis a partir dos lugares evocados nas lendas. Trata-se de traçar rotas, identificar os lugares onde essas narrativas se manifestam, os existentes e os que não mais existem, e percorrer a cidade em busca desses pontos simbólicos. Nesse processo, emerge o gesto de ativar o imaginário coletivo e dar corpo ao invisível com base nas memórias e experiências, um modo de conhecer que escapa à lógica dos mapas convencionais.

Este trabalho, ao tomar as lendas como ferramenta de leitura dos espaços, propõe um diálogo entre cidade real e cidade imaginária, entre território concreto e território sensível. E como elas ativam uma memória coletiva que resiste às padronizações e transformações, relembando que há algo de insubmisso no modo como o povo narra seus lugares. Como escreve Certeau (1994), "há histórias que escapam à racionalidade urbana e reinventam a cidade a cada passo"⁸.

8 CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 157.



Patos de Minas e seu território

Patos de Minas está localizada na porção ocidental do estado de Minas Gerais, integrando a mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba⁹. Sua configuração geográfica é marcada por importantes divisores naturais, como a cordilheira da Mata da Corda, que separa as bacias dos rios Paranaíba e Abaeté. A região é irrigada por diversos cursos d'água, dentre os quais se destacam os rios Babilônia, Três Barras, Espírito Santo, Areado e São Bento, bem como lagoas que favoreceram os processos de ocupação.

Embora a origem do município esteja comumente associada à chegada de tropeiros e bandeirantes no séc. XVII, registros arqueológicos e históricos indicam que sua ocupação antecede a presença colonial. A narrativa tradicional, marcada pela valorização da trajetória dos colonizadores, frequentemente silencia a presença de povos originários e de comunidades negras fugitivas que habitaram a região.

A compreensão do desenvolvimento urbano se apoia em uma documentação composta por mapas e manuscritos, como a primeira demarcação de ruas de 1874, o Código de Posturas de 1876, registros cartográficos e atas da Câmara Municipal. Esses documentos revelam que a organização espacial inicial foi delineada a partir de seu marco zero, a antiga lagoa que deu nome ao local e o núcleo primitivo em torno da capela de Santo Antônio.

A malha urbana original, ainda visível nos primeiros mapas, revela a influência do traçado orgânico português, posteriormente substituído por uma malha ortogonal inspirada nos ideais racionalistas e positivistas do séc. XIX. Essa transformação urbanística refletiu os embates políticos entre famílias dominantes, os Borges e os Maciéis, cujas disputas moldaram tanto a estrutura física da cidade quanto sua paisagem simbólica.

Enquanto os Borges, monarquistas e católicos, ocuparam o norte da cidade, caracterizado por ruas estreitas e sinuosas que desciam em direção à lagoa, com construções coloniais simples, os Maciéis, republicanos e protestantes, estabeleceram-se ao sul, em terrenos planos e mais altos, promovendo o traçado urbano regular, com

⁹ Segundo dados do IBGE (2022), possui população estimada em 167.870 habitantes, distribuídos em território de 3.190,456 km², com densidade demográfica de 49,91 hab./km².

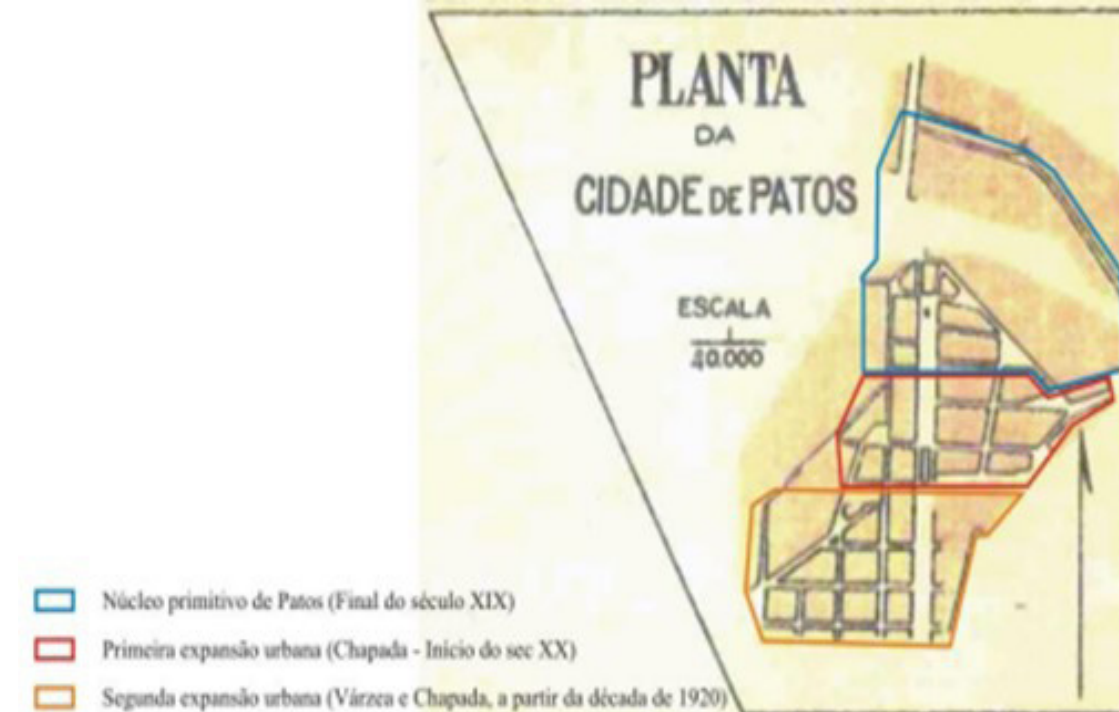


Figura 5 - Primeiras áreas de expansão da cidade (1920). Fonte: Acervo do Museu da Cidade de Patos de Minas.

ruas largas e projetos modernizadores inspirados em cidades como o Rio de Janeiro. A divisão territorial entre as famílias era simbolicamente marcada pela Igreja Matriz de Santo Antônio, localizada na atual Praça Dom Eduardo, no coração do núcleo original.

A liderança de Olegário Maciel, engenheiro e político proeminente, intensificou o projeto de modernização nas décadas de 1920 e 1930. Durante seu governo em Minas Gerais (1930-1933)¹⁰, foram implementadas diversas obras públicas: escolas, praças ajardinadas, pavimentação de ruas e avenidas, construção do Paço Municipal, matadouro, novo cemitério, sistema de abastecimento de água e rede elétrica. Essas transformações pretendiam conferir à cidade um novo estatuto de salubridade e modernidade, afastando-a da imagem de povoado sertanejo.

Contudo, essa modernização teve limites espaciais e sociais bem definidos. Os bairros populares, como a Várzea (a oeste) e a região conhecida como “beira da lagoa” (a nordeste), permaneceram à margem das intervenções oficiais. Conforme aponta Rosa Silva¹¹, nesses territórios viviam os “afritos” – pretos, pobres e prostitutas –, grupos excluídos e confinado às margens do progresso.

A Avenida Getúlio Vargas, aberta no início do período republicano, é um exemplo emblemático das novas intervenções: atravessa o centro com largas faixas e abriga edifícios de valor histórico e arquitetônico. Nela concentram-se construções coloniais como a antiga Casa de Câmara e Cadeia, os casarões de João Borges e Virgílio Caixeta, e as ruas estreitas. Também encontram-se os reflexos das reformas promovidas pelos Maciéis, escolas como o Grupo Escolar Antônio Dias Maciel e o Grupo Escolar Marcolino de Barros, além da residência de Olegário Maciel, atualmente transformada em museu¹².

¹⁰ Olegário Maciel foi uma das figuras mais proeminentes da política mineira no início do séc. XX, atuando como líder do Partido Republicano Mineiro (PRM). Ao longo de sua trajetória, atuou em diversos cargos políticos e foi governador de Minas Gerais (1930-1933). Sua gestão coincidiu com o período de intensos investimentos no interior do estado, especialmente em Patos de Minas, onde manteve vínculos familiares.

¹¹ SILVA, Rosa Maria Ferreira da. *A República dos Patos ou a construção da cidade republicana no sertão das Geraes: representação, memórias e conflitos. Cidade de Patos, 1889-1933*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

¹² MELLO, Antônio de O. *Patos de Minas: capital do milho*. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971.

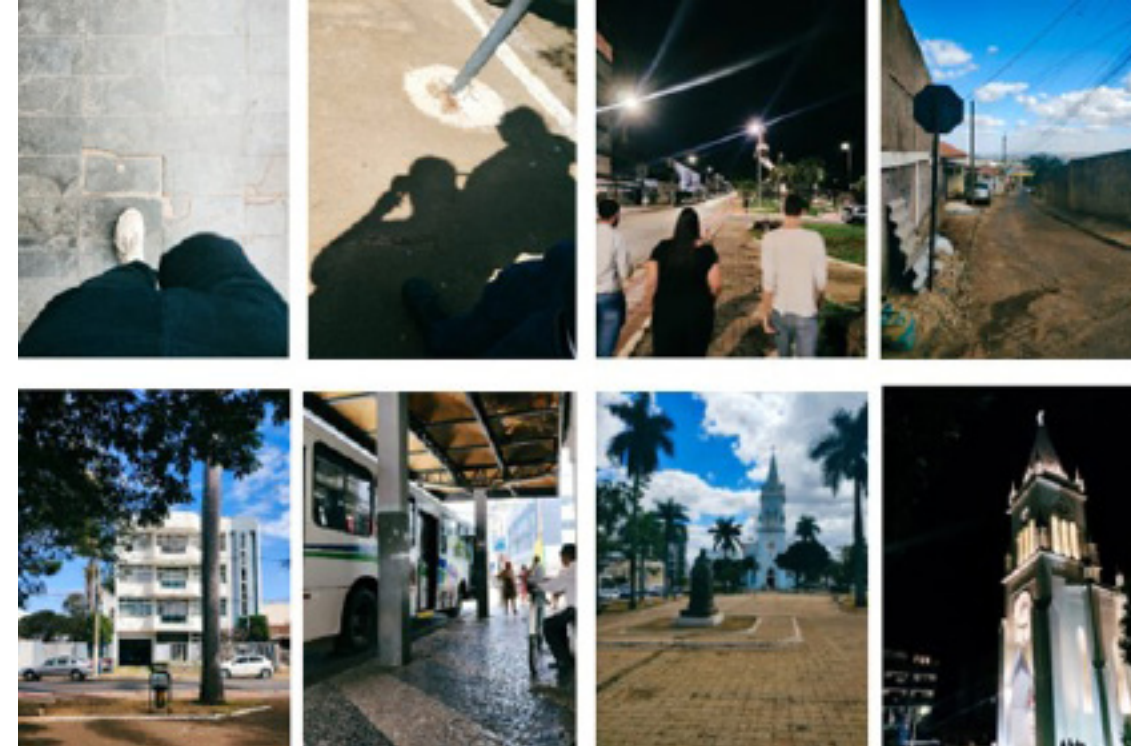


Figura 7 - Registros das caminhadas. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 6 - Capa da 1ª ed. do livro "Minha Terra: suas lendas e seu folclore" (1970), matéria da Folha de Patos (1942) e primeira publicação da lenda "A Mulher dos Três Metros" na Folha de Patos (1945).

Ressalte-se que o início da expansão do vetor sul, ausente nos documentos mais antigos e presente nos mapas foi registrado pela Comissão do Centenário e indica o momento em que passava a vila. Em outras palavras, a cartografia (figura 6) registra o tecido original (contorno em azul) e o exato momento da expansão sul, rumo à Chapada (contorno em vermelho)¹³.

A história urbana de Patos de Minas, portanto, não pode ser dissociada das relações de poder e das disputas que configuraram a cidade. O espaço urbano torna-se palco onde se inscrevem as marcas da política, da modernidade seletiva e das exclusões sociais. O núcleo primitivo da cidade, com seus traços, cicatrizes e memórias, permanece como testemunho vivo da formação histórica e da identidade patense. Com a abertura da Avenida Getúlio Vargas, a cidade passou por um processo intenso de reconfiguração urbana que não apenas redefiniu seu centro geográfico e político, mas também instaurou uma nova ordem simbólica sobre o território. O aterro da Lagoa dos Patos – marco zero do povoado e origem do nome da cidade – simbolizou uma ruptura definitiva com as suas fundações, dando lugar à expansão urbana e à consolidação do discurso desenvolvimentista que passou a orientar as transformações locais. De modo semelhante, outros elementos simbólicos da cidade, como o segundo cemitério, e o antigo campo de aviação foram transferidos ou suprimidos. Esses territórios, tal como os espaços presentes nas lendas, tornaram-se marcos de ausência e esquecimento.

A cidade se modernizou, expandiu-se, redefiniu sua imagem, mas os fantasmas permaneceram. Nos vazios deixados por essas perdas, figuras lendárias e narrativas assombradas emergiram no imaginário coletivo, como se aquilo que foi silenciado continuasse a habitar a cidade sob outras formas. Como nos espaços identificados pelas lendas, a lagoa, o cemitério e o campo de aviação converteram-se em territórios da memória e da persistência do invisível. Junto à avenida que pretendia anunciar o futuro, também nasceram os rastros do que insiste em não apagar uma cidade real, ainda assombrada por sua própria história.

13 BORGES, Alex; SILVA, Rosa M. F. *Informe Histórico de Patos de Minas*. Museu da Cidade de Patos de Minas, 2011.

Cartografias Possíveis: Caminhar como Prática Estética e Metodológica.

Partindo da concepção tradicional da cartografia como representação gráfica objetiva do espaço, buscamos desdobrar esse conceito para alcançar compreensões mais subjetivas do urbano. Como afirma Ferraz (2017), os mapas clássicos são "ferramentas de materialização de ideologias"¹⁴ que refletem visões específicas de mundo, condicionadas pelas intenções de seus autores e pela historicidade de sua produção.

Ao reconhecer os limites dessa abordagem tradicional, abre-se espaço para compreender a cartografia como um campo expandido, capaz de acolher experiências, afetos e subjetividades. Em vez de representar apenas um retrato estático do território, ela passa a ser entendida como prática sensível de investigação, onde o corpo do cartógrafo atua como instrumento de escuta e produção de sentido. Segundo Suely Rolnik (2011), "o que importa é que ele, o cartógrafo, esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar"¹⁵, revelando que mapear é também estar aberto às forças invisíveis que atravessam o espaço. Assim, agenciar é muito mais do que traçar rotas: é dar corpo àquilo que ainda não tem forma, construir sentidos e experimentar novas formas de viver e habitar o urbano.

A noção de cartografia sensível posiciona o corpo como ferramenta de leitura. É o corpo vibrátil que capta os fluxos e as intensidades dos lugares. O cartógrafo, então, torna-se um agente que escuta e se deixa afetar, aproximando-se de uma postura etnográfica. Como destaca Rolnik (2011), "o cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado"¹⁶.

O caminhar se apresenta aqui como prática de investigação e com experiência sensível que produz o conhecimento sobre o urbano. Nesse sentido, busca-se articular corpo, território e cartografia, com o intuito de demonstrar como deslocamento físico pelo espaço se converte em gesto político, poético e metodológico.

14 FERRAZ, Camila Benezath Rodrigues. *Mapas Oficiais e Cartografias do Cotidiano: Tensionamento das Experiências no Espaço*. São Paulo: FAU Mackenzie, 2017, p.104.

15 ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011, p.65.

16 Idem.

Figura 8 - Primeira foto aérea de Patos de Minas, data desconhecida. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho.



Como apontam Certeau (1994), João do Rio (1995) e Paola B. Jacques (2006; 2008), o caminhar é compreendido como um modo de enunciação da cidade: um ato de reescrever o espaço a partir da experiência individual e coletiva. Como afirma Certeau, “os praticantes ordinários da cidade”¹⁷ inscrevem no chão percorrido suas próprias narrativas, reconfigurando os usos e os sentidos dos lugares. O caminhar, portanto, não é apenas um deslocamento funcional, é uma forma de resistência aos traçados rígidos e uma maneira de escutar o território a partir de suas fissuras, ruídos e intensidades.

O corpo torna-se ferramenta central na produção de sentido. E este não apenas percorre a cidade: ele a sente, a molda e é moldado por ela. O conceito de “corpografia”, proposto por Jacques e Britto (2012), é mobilizado para dar nome a essa escrita sensível entre corpo e espaço. A cidade, nesse contexto, deixa de ser uma abstração para tornar-se corpo expandido – um organismo em constante negociação com aqueles que o habitam. “Além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos”¹⁸. Um corpo no corpo da cidade.

Assim como João do Rio (1995), a ideia de que as ruas abrigam uma “alma” encontra conexão com a figura do *flâneur* idealizada por Walter Benjamin, que ao caminhar pela cidade, transforma as ruas em extensão de sua própria morada. O *flâneur* não está simplesmente transitando por um espaço físico; ele se apropria da cidade como lugar de habitação simbólica, sentindo-se tão à vontade entre fachadas e esquinas quanto o burguês em sua residência privada. Contudo, diferentemente do conforto do lar burguês, o *flâneur* está em constante movimento, buscando na cidade os vestígios, imagens e rastros que atravessam o presente como espectros do passado. Para Benjamin (2015), o *flâneur* é o “sacerdote do *genius loci*”¹⁹, um mediador capaz de perceber não só os elementos visíveis da paisagem urbana, mas também as presenças fantasmagóricas – memórias latentes, símbolos esquecidos e figuras que assombram as paisagens modernas. Em *Rua de Mão Única*²⁰, o autor retoma a técnica da montagem para descrever a experiência fragmentada e polifônica do sujeito na cidade, atravessado por múltiplas referências literárias, políticas e pessoais. A caminhada, assim, não é um simples deslocamento físico, mas uma atividade cognitiva e estética que produz

17 CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.171.

18 BRITTO, Fabiana. D.; JACQUES, Paola. B. Corpo e cidade: coimplicações em processo. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 142–155, 2012, p. 144.

19 BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 208.

20 BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.



Figura 9 - Segundo Cemitério de Patos de Minas, hoje edifício do Fórum Olympio Borges. Fonte: Museu da Cidade de Patos de Minas.

sentidos, modificando culturalmente o espaço e convertendo-o em lugar.

Francesco Careri (2013) aponta que o caminhar é uma prática “estética e política”²¹. É uma forma de transformação simbólica da paisagem urbana, onde a presença do caminhante e suas percepções alteram o significado do espaço, produzindo novas narrativas e experiências. O corpo caminhante torna-se, assim, um operador de leitura da cidade, ele ativa memórias, percebe ritmos, reconhece ausências e nomeia presenças.

Essa dinâmica de habitar e caminhar pela cidade se relaciona diretamente com as proposições do surrealismo, que se abre para o inconsciente, o improvável e o desconhecido. No âmbito desta pesquisa, observa-se que as lendas e os fantasmas que permeiam a narrativa popular local funcionam como manifestações do imaginário coletivo em errância, onde o passado, presente, memórias e o medo se entrelaçam para construir narrativas simbólicas. Essas histórias de aparições e presenças fantasmagóricas, tal qual o surrealismo, revelam dimensões ocultas da realidade urbana, lugares onde o impossível torna-se possível e o invisível se torna real.

A construção teórica não é meramente abstrata, ela serve de base para a proposta metodológica da pesquisa, que assume o caminhar como ferramenta de escuta das lendas e memórias de Patos de Minas. Ao caminhar pela cidade a pesquisadora buscou produzir cartografias sensíveis que ultrapassam os limites da representação técnica e penetram no campo do imaginário e do afeto. É nesse ponto que o corpo no corpo da cidade se torna, também, corpo da pesquisa, um corpo que sente, registra, reflete e reconfigura o território vivido. Ao caminhar e escutar, o território se revela não apenas como suporte físico, mas como corpo vivido, atravessado por vozes, silêncios e fantasmas.

Patos de Minas Além dos Mapas: A Cartografia Afetiva das Lendas

Propõe-se aqui “dar corpo” ao imaginário urbano de Patos de Minas por meio de caminhadas, registros visuais através da ilustração, da fotografia e da elaboração de cartografias. Como fruto de um processo metodológico vivido corporalmente, em que a

21 CARERI, Francesco. *Walkscapes: caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gilli, 2013.



autora assume o papel de caminhante, observadora e intérprete do cotidiano urbano, trazendo à tona os múltiplos sentidos que habitam a cidade.

Ao todo, sete lendas foram selecionadas e sobrepostas aos mapas do território patense de vários períodos, com o intuito de revelar as transformações e as camadas simbólicas dos lugares aos quais estão relacionadas. Buscou-se identificar e levantar as lendas publicadas em diferentes períodos, possibilitando assim aproximá-las e cruzá-las, reconhecer as originais e as versões derivadas, análise esta que buscou compreender a atualização dessas lendas e sua permanência ainda hoje na literatura produzida na cidade.

Três dessas lendas – *A mulher de sete metros*, *O vale das cabaças uivantes* e *A gameleira* foram originalmente publicadas pelo memorialista Antônio de Oliveira Mello²² no livro *Minha Terra: suas lendas e seu folclore* (1970).

Também foram encontradas em jornais que circularam pela cidade, como a *Folha de Patos*, que publicou, em três partes, no ano de 1945, a lenda *A mulher dos três metros*, de autoria do Prof. Aristóteles, astrólogo possivelmente fictício, e na *Folha Diocesana*, que publicou a *Lenda de Patos de Minas*, escrita por Risoleta Maciel Brandão (1968). Já *O cravo e a janela*, de Zama Maciel, originalmente publicada em 1942²³, foi registrada por Eitel Dannemann e disponibilizada no site *EFECADPATOS*, juntamente com uma de sua autoria *O moço da vela* (2019)²⁴. Originadas de diferentes fontes e autores, as lendas foram entrelaçadas ao espaço urbano por meio de uma cartografia afetiva, revelando mais do que simples relatos. Cada lenda carrega fragmentos de memórias que tornam visíveis as disputas políticas, fantasmas, os encantos e as vozes que habitam o imaginário patense, fazendo emergir outras camadas de significado para além do concreto.

22 Antônio de Oliveira Mello (Paracatu, 1937) é um dos principais memorialistas de Patos de Minas. Formou-se em Filosofia pelo Seminário Arquidiocesano de São José do Rio de Janeiro. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, da Comissão Mineira de Folclore e da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais.

23 Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) da Unipam – Patos de Minas.

24 <https://efecadepatos.com.br/?p=30112>



Figura 11 - Casa do Olegário Maciel, 1945. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho.

Buscou-se construção de narrativas que representem as lendas presentes no imaginário popular patense. Para isto, foram realizadas cinco caminhadas, individualmente e em grupos de dois ou mais participantes, e organizadas a partir do mapeamento dos lugares das lendas urbanas. Buscou-se observar as arquiteturas, a ocupação humana e a paisagem, destacando lugares marcados por memórias pessoais.

As ilustrações surgem como traduções visuais das histórias ouvidas e dos afetos experimentados, funcionando como parte da cartografia, e os desenhos buscam evocar sensações, atmosferas e as presenças fantasmagóricas relacionadas aos lugares. Essas imagens não apenas complementam o texto, mas se tornam centrais na proposta da construção da cartografia: revelar Patos de Minas como um território no qual pulsam memórias, símbolos e afetos.

As lendas de Patos de Minas revelam a riqueza do imaginário popular que permeia a história e o território, oferecendo narrativas que mesclam o sobrenatural, o cotidiano e a memória coletiva. A *Lenda de Patos*, que trata da fundação da cidade, traz à tona a imagem da grande lagoa, que contribuiu para a formação do primeiro traçado do povoado e que hoje se encontra apagada. A *Mulher dos Três Metros*, lenda disseminada pelo Prof. Aristóteles nos jornais nos anos 1940, trata-se uma aparição espectral que assombrava a Avenida Getúlio Vargas nas noites de inverno, e vagava em frente ao busto e a casa de Olegário Maciel. Como um desdobramento desta, a *Mulher de Sete Metros*, que se tornou popular nas décadas seguintes está associada ao edifício do Fórum que foi construído sobre o antigo cemitério, e assombrou a mesma Avenida Getúlio Vargas, local onde se encontram os mesmos monumentos dos Maciéis. Nas imediações do antigo cemitério, também surgiu a lenda da *Gameleira*, que envolve os mistérios em torno de uma enorme gameleira que existiu na Praça dos Boiadeiros (atual Praça Abner Afonso), e assustava os vaqueiros que a tinha como ponto de encontro e se reuniam sob sua copa. A quarta lenda, intitulada *O Vale das cabaças uivantes* está vinculada à Mata do Tonheco, que se localizava nas margens do primeiro povoado, hoje ocupada pela Vila Padre Alaor e o Beco da Paulada, área que amedrontava moradores e tropeiros que ouviam gemidos e vozes, provenientes do som incidente do vento nas cabaceiras, espalhando a crença em almas penadas que se reuniam na mata.

Já a lenda do *Cravo e a Janela* está relacionada à antiga Avenida Benedito Valadares, hoje Rua Major Gote, principal via comercial da cidade, na qual a janela de uma casa amanhecia florida inexplicavelmente, tornando-se símbolo das esperanças e frustrações amorosas, e rememora os jardins que existiam no local. Já a lenda mais atual, o *Moço*



Figura 12 - Ilustrações para as lendas “A Mulher de Sete Metros”, “O Vale das Cabaças Uivantes” e “A Gameleira”. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

da Vela, também aborda as vicissitudes amorosas e se relaciona à região do antigo Campo de Aviação, atual Bairro Lagoa Grande, onde ainda se encontra preservada uma das lagoas originais da cidade, que se tornou ponto de encontro e turístico. Cada uma dessas lendas funciona como um ponto de acesso ao território das origens e do imaginário da cidade, revelando lugares que não mais existem e abrindo portas para outras dimensões que habitam o cotidiano urbano, dimensões onde o medo, o mistério, a memória e o encantamento se entrelaçam. Essa construção sensível do mapa, composta por relatos, ilustrações e caminhadas, apresenta Patos de Minas como uma cidade multifacetada, onde as narrativas populares se tornam instrumentos de leitura do território, revelando que há sempre mais de uma cidade por trás da cidade: a cidade que se anda, a que se sonha, a que se sente e a que permanece viva na memória de quem a habita. Portanto, trata-se mais do que um registro de percursos: ele é, em si, um mapa afetivo, onde as linhas não são apenas ruas, mas caminhos de memória, imaginação e subjetividade. É um convite para ver a cidade com outros olhos, os da escuta, da arte, da história e do sentir.

Considerações Finais

A presente pesquisa reafirma a importância de olhar para a cidade não apenas como um espaço físico, mas como um território atravessado por memórias, histórias e imaginações que lhe conferem múltiplos sentidos. Ao utilizar a metodologia da cartografia afetiva aliada às caminhadas urbanas, foi possível captar as nuances subjetivas e simbólicas presentes em Patos de Minas, revelando como as lendas locais dialogam com as transformações do território e a experiência cotidiana de seus moradores. As caminhadas e a escuta atenta desses relatos mostraram como o imaginário local transforma e ressignifica o território, revelando camadas invisíveis que dão vida e alma ao lugar.

As lendas que permeiam a cidade não são apenas histórias para entreter, mas expressões culturais que mantêm vivas as relações entre passado e presente, real e imaginário. Elas carregam a força das emoções, dos medos, das esperanças e das resistências, e ajudam a compreender como as pessoas se conectam com a cidade de forma afetiva e pessoal. Esse processo de caminhar, observar e sentir a cidade despertou a consciência de que o território é uma construção dinâmica, feita de experiências, lembranças e sentidos que vão além do concreto e do visível. Cada passo pelas ruas trouxe a possibilidade de enxergar o espaço de uma forma mais

sensível, captando suas nuances e permitindo que eu me aproxime do que há de mais profundo na relação entre as pessoas e o lugar onde vivem.

Assim, esta pesquisa reafirma a importância de valorizar as narrativas locais e a dimensão afetiva dos lugares para uma compreensão mais rica e humana da cidade. Enxerga-se que reconhecer esses aspectos é fundamental para preservar o patrimônio imaterial, a identidade e a história dos territórios, assim como para construir cidades que respeitem e acolham as múltiplas vozes e experiências que lhes dão sentido. Ao mesclar a escuta das ruas com a escuta das vozes que nos precedem, esta pesquisa convida à construção de um olhar: um olhar que abraça o que vibra fora da cartografia oficial, um olhar que aceite caminhar com os fantasmas, com os ecos e com os encantamentos que fazem da cidade um espaço composto por camadas nunca totalmente decifradas. É nesse espaço de incerteza e sensibilidade que se reconhece a potência das lendas, elas não apenas contam o que a cidade foi, mas anunciam o que ela pode vir a ser.

Referências

- ADOC-PM. Acervo Documental e de Imagens do Município de Patos de Minas. DIMEP – Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural / Prefeitura de Patos de Minas, 2008.
- AMARAL, Lilian. Interterritorialidades: passagens, cartografias e imaginários. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian. *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora Senac/Edições SESC SP, 2008.
- BORGES, Alex; SILVA, Rosa M. F. *Informe Histórico de Patos de Minas*. Museu da Cidade de Patos de Minas, 2011.
- BRITTO, Fabiana. D.; JACQUES, Paola. B. Corpo e cidade: coimplicações em processo. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, pp. 142–155, 2012.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gilli, 2013.

Figura 13 - Ilustrações para as “Lenda de Patos” e “A Mulher dos Três Metros”. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.



CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERRAZ, Camila Benezath Rodrigues. *Mapas oficiais e cartografias do cotidiano: tensionamento das experiências no espaço*. São Paulo: FAU Mackenzie, 2017.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. São Paulo: Edusp, 1991.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MELLO, Antônio de Oliveira. *Minha Terra: suas lendas e seu folclore*. 1. ed. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1970, p. 283-284.

MELLO, Antônio de Oliveira. *Patos de Minas: capital do milho*. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SILVA, Rosa Maria Ferreira da. *A República dos Patos ou a construção da cidade republicana no sertão das Geraes: representação, memórias e conflitos*. Cidade de Patos, 1889-1933. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.